

## A GRAMÁTICA DE FERNÃO DE OLIVEIRA: ANOTAÇÕES CRÍTICAS SOBRE A EDIÇÃO DE UMA OBRA DO FINAL DA IDADE MÉDIA PORTUGUESA

Jane Keli Almeida da SILVA<sup>1</sup>  
André Luís de Alcântara SANTOS<sup>2</sup>  
Orientador: Américo Venâncio Lopes MACHADO FILHO<sup>3</sup>

### RESUMO

Estudos sobre a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536), foram tema de duas pesquisas de Iniciação Científica realizadas na Universidade Federal da Bahia. Em 2012, desenvolveu-se a primeira investigação, que consistiu em comparar a edição *princeps* com a versão crítica de Torres e Assunção (2000), com o intuito de verificar em que ponto se aproximavam e em que ponto se distanciavam. Adotaram-se as seguintes questões no cotejo: problemas de leitura, supressão e adição de vocábulos, não adoção de critérios de edição. Tendo em vista os problemas encontrados, resolveu-se comparar também a edição semidiplomática dos mesmos autores, em uma nova pesquisa, realizada em 2013. Obviamente, adotaram-se as mesmas questões da pesquisa anterior. Este artigo apresenta os resultados alcançados durante as duas investigações. De antemão pode-se apontar que foram identificados, nas edições observadas, supressão e adição de vocábulos, salto bordão, além da não adoção de muitos critérios editoriais. Os resultados das pesquisas podem contribuir para a fortunacritica de tão importante obra inaugural da metalinguagem portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia; edições; *Grammatica da lingoagem portuguesa*; Fernão de Oliveira.

### 1 Introdução

Em 1536, Fernão de Oliveira elabora a primeira gramática conhecida na história

---

1 Me/Ufba-Fapesb/Grupo Nêmesis; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. E-mail: [janelialmeida@gmail.com](mailto:janelialmeida@gmail.com).

2 Gd/Ufba; Graduando em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: [andre\\_luisalcantara@yahoo.com.br](mailto:andre_luisalcantara@yahoo.com.br)

3 Pq-Ufba/Grupo Nêmesis; Professor Associado de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia; pesquisador do Grupo Nêmesis/ALiB/NEHiLP; [americovenancio@gmail.com](mailto:americovenancio@gmail.com)

da língua portuguesa, intitulada a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, e a dedica a D. Fernando D'Almada. Homem que se destacou na história por ter sido Alcaide-Mor de Lisboa e Capitão-Mor do Mar, segundo os dados do Nobiliário de famílias de Portugal (GAYO, 1938).

Uma cópia da edição *princeps*, dessa importante obra, encontra-se hoje disponível no endereço eletrônico da Biblioteca Nacional de Portugal <<http://www.bnportugal.pt>>, estando registrada sob a cota res-274-v. A referida obra foi, até o presente, objeto de várias edições de diferentes tipos. De cunho fac-similar, são conhecidas cinco. Em 1975, veio a lume uma edição de Maria Carvalhão Buescu, a que a autora chama de atualizada, mas cujas características podem indicar se tratar do que se convencionou chamar de edição interpretativa ou semidiplomática.

Em 2000, Torres e Assunção publicaram na Academia das Ciências de Lisboa um trabalho composto por três edições filológicas: Uma anastática, uma crítica e uma semidiplomática. Esse trabalho foi republicado em 2007. Em 2001, Toru Maruyama elaborou uma edição de cariz semidiplomática. Em 2002, Paiva na sua tese de doutorado elaborou uma edição de cunho diplomática. Em 2012, Franco e Silvestre fizeram uma edição atualizada. Assim, somam-se hoje doze edições, contando com a edição *princeps*.

As edições crítica e semidiplomática, as de Torres e Assunção (2000), foram estudadas durante duas pesquisas de iniciação científica financiadas pelos organismos de fomento, PET-UFBA e CNPq, realizadas no âmbito da Universidade Federal da Bahia, em 2012 e 2013. O objetivo das investigações foi comparar a edição *princeps* com suas versões crítica e semidiplomática, para verificar em que ponto se aproximavam e em que ponto se distanciavam. Observaram-se os seguintes pontos principais: problemas de leitura; supressão e adição de vocábulos; não aplicação dos critérios editoriais.

Pretende-se, portanto, neste trabalho apresentar os resultados conjugados das duas pesquisas, com o intuito de contribuir para a fixação desse importante texto inaugural da era moderna do português, assim como para a história da metalinguagem da língua portuguesa.

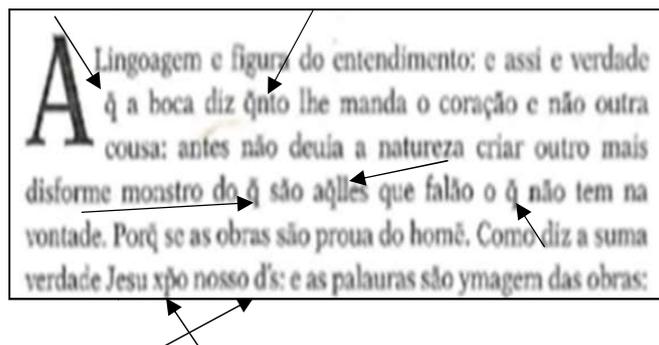
## 2 Edições: critérios e seus problemas

Torres e Assunção se basearam em 16 critérios para a elaboração de suas edições, tanto para a crítica, quanto para a semidiplomática. O primeiro deles se refere ao desdobramento de abreviaturas, conforme se pode observar no excerto abaixo.

Desdobramento, geralmente até no aparato crítico, das numerosas abreviaturas<sup>4</sup>, todas elas de tipo corrente, mesmo para um aprendiz de paleografia, mas sem a indicação do seu desdobramento em itálico, desnecessária em face dos textos semidiplomático e anastático (Torres; Assunção, 2000, P. 70).

Entrementes, a aplicação do critério não é tomada de maneira regular. Percebe-se que o desdobramento de abreviaturas nem sempre é realizado, como se pode observar na figura 1, na sequência.

Figura 1 – Irregularidade no desdobramento de abreviaturas.



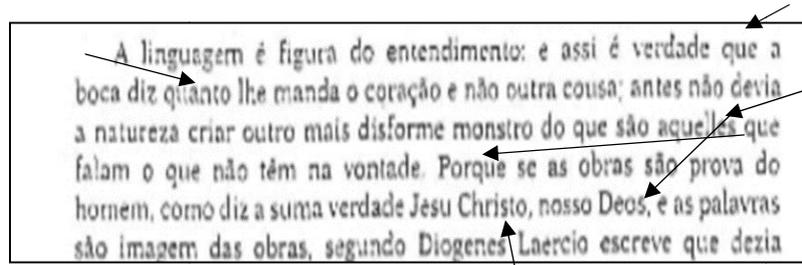
Fonte: TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 165.

Em um pequeno trecho da edição semidiplomática, modificam-se elementos abreviados sem qualquer tratamento editorial. Na segunda linha, por exemplo, o *que*, representa-se como *q*Ⓢ, assim como *quanto*, pelo *q*Ⓢ*nto*. O mesmo acontece com *Cristo*, na última linha, que aparece com a conhecida abreviatura *xp*Ⓢ.

Não obstante, na figura 2, que corresponde à página 83 da edição crítica, o mesmo *q*Ⓢ*nto*, se encontra desenvolvido na linha 2, assim como o *q*Ⓢ, representado como *que*. O mesmo ocorre com *Cristo*, na penúltima linha, que está desenvolvido.

4 No que se refere ao desenvolvimento das abreviaturas, Torres e Assunção se apoiam no trabalho de Maria Helena Paiva. *Intitulado Variação e evolução da palavra gráfica: O testemunho dos textos metalinguísticos portugueses do século XVI* (1997, p. 233-252).

Figura 2 – Irregularidade no desdobramento de abreviaturas.



Fonte: TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 83.

O segundo critério adotado pelos autores se refere à substituição de grafemas, como se pode observar no fragmento abaixo.

Substituição, raramente requerida, do *g* pelo *j* e vice-versa, ou do *v* vocálico e *u* consonântico, pelos grafemas apropriados e referidos, por razões óbvias, no rodapé, ou do *y* pelo *i*, palatais estas que funcionam ora como vogais ora como semivogais e Oliveira não poucas vezes já permuta entre si (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 70).

Mais uma vez, no que concerne à aplicação estrita dos critérios, nota-se que a substituição grafemática é irregular, no que se refere a *v* e *u*, *y* e *i*. Veja-se o quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Representação dos grafemas: *v*, *u*, *i*, *y*.

<u>Edição <i>princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fôlio</u>
diuersos	diversos	diuersos	2
chamaua	chamava	chamaua	2
bayxo	baixo	bayxo	2
leuar	levar	leuar	2
sy	si	sy	2
notarey	notarei	notarey	3

Como se pode ver, os grafemas destacados em negrito não foram devidamente substituídos na edição semidiplomática como sugere o critério. Obviamente, os dados acima servem apenas como exemplos e não representam a totalidade de casos.

Adverte-se, entretanto, que os autores previnem que variantes raras de Oliveira como *meyo*, *seyo*, *moyo*, *joyo*, *syllaba*, *syllabas* seriam conservadas por caracterizar seu posicionamento ortográfico. Essa decisão é sinalizada no critério 16, mas deveria ter

sido apontada também no segundo critério, porque se trata de uma exceção. Isso o tornaria mais claro, evitando dúvidas ao leitor.

Quanto ao terceiro critério, o foco recai sobre o tratamento do til.

Resolução do til em m ou n dentro da normatividade usual, inclusive nas terminações verbais em -ão, correspondentes aos pretéritos perfeito e m. q. perfeito nas terceiras pessoas do singular (Torres; Assunção, 2000, p. 70).

Segundo se pôde depreender do texto, os autores deveriam utilizar m ou n em situações em que fosse o til incoerente para a regra ortográfica atual. O que se verifica, todavia, é sua manutenção como se pode verificar no quadro 2, abaixo.

Quadro 2 – Ocorrências de uso de til ou m/n.

<u>Edição princeps</u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Localização do fólio</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
alghũas, Alghũas	<i>alghũas</i> , <i>Alghũas</i> (21)	3, 6, 14, 17, 19, 20, 22, 24	<i>alghũas</i> , <i>Alghũas</i> (21)	3, 6, 20, 21, 22, 24, 37
alghũa	<i>alghũa</i>	8, 9, 22, 24, 25, 29, 30, 33, 41	<i>Alghũa</i>	8, 9, 22, 24, 25, 29, 30, 33, 41
algũhũas	<i>algũas</i>	22	<i>algũhũas</i>	22
nenhũa	<i>nenhũa</i>	22, 38	<i>Nenhũa</i>	22, 38
alghũ	alghum	25, 30, 31,35	<i>Alghũ</i>	25, 30, 31, 35
alghũs	alghuns	11, 20, 26, 36	<i>Alghũs</i>	11, 20, 26, 36
hũa	<i>hũa</i>	11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34	<i>Hũa</i>	11, 12, 20, 21, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 40
hũas	<i>hũas</i>	4, 12, 55, 12, 13, 25, 31, 32, 33	<i>Hũas</i>	4, 12, 25, 26, 31, 32, 39
hũ	<i>hum</i>	2, 4, 8, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 24, 26, 29	<i>hũ</i>	4, 11, 21, 24, 26, 29, 32, 34, 38, 39

hūs	<i>huns</i>	8, 25, 35	<i>hūs</i>	8, 25, 35
fezerão	<i>fezerão</i>	11	<i>Fezerão</i>	11
mĩ	<i>Mĩ</i>	71	<i>Mĩ</i>	71

Estranhamente, a inconsistência na aplicação do critério se mantém. Às vezes algũ é representado por m, em outros se mantém o uso do til. Curioso é perceber que os autores usaram uma nota de rodapé em que afirmam que “não há nisto transgressão do conselho de Silva Neto” (2002, p. 70), que em seu trabalho Textos medievais portugueses e seus problemas (1956) recomenda a sinalização das vogais nasais com til nas grafias medievais.

Essa transgressão de fato não haveria se os critérios fossem devidamente aplicados com regularidade. Note-se, no quadro 2, que a forma finita do pretérito perfeito do verbo fazer, fezerão, não foi alterada para m como sugeriram os editores.

Em relação ao quarto critério adotado por Torres e Assunção, que pretendia uniformizar maiúsculas, consoantes duplas e permitir algum grau de polimorfismo, há de se registrar, logo inicialmente, que a redação é confusa e pouco precisa. Esse critério se encontra reproduzido abaixo.

Uniformização do uso das maiúsculas em nomes próprios e global preferência ortográfica de acordo com a média relevante de ocorrências vocabulares, quanto às consoantes duplas, às formas do verbo haver e da terceira pessoa do singular de ser, no presente do indicativo, enquanto por outro lado se respeitou sempre o polimorfismo foneticamente resultante dos jogos vocálicos e/i, o/u e vice-versa (Torres; Assunção, p. 70-71).

Em relação ao polimorfismo, que segundo os autores será mantido, constata-se que isso não ocorre de fato. Basta observar o quadro abaixo.

Quadro 3 – Exemplos do tratamento dado pelos autores às unidades polimórficas.

<u>Edição princeps</u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Localização do fólio</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
neçessaria	necessarea	14	neçessaria	14

<i>neçessarea</i>	<i>necessarea</i>	35,56	<i>neçessarea</i>	35, 56
neçessarias	necessareas	3	neçessarias	3, 20, 23, 29
q̄yxyays	queixaes	17	q̄yxyays	17
gingibas	gengibas	17	Gingibas	17
deziam	diziam	21	Deziam	21
ẽteiras	inteiras	30	ẽteiras	30
enteiro	inteiro	30	Enteiro	30
premeiro	primeiro	40, 42, 46, 56, 62, 71, 72	premeiro	40, 42, 46, 49, 50, 56, 62, 72
<i>premeiros</i>	<i>premeiros</i>	50, 57	<i>premeiros</i>	50, 57
premeira	primeira	36	Premeira	36, 56, 69, 71, 72, 76
premeiras	primeiras	63	Premeiras	40, 56, 63
<i>espírito</i>	<i>Espírito</i>	23	<i>Espírito</i>	23
deuidir, <i>diuidir</i> deuidir	dividir, <i>diuidir</i> diuidir	45, 56	deuidir, <i>diuidir</i> deuidir	45, 56

Em relação ao vocábulo espírito, registraram-se as outras variantes no aparato crítico, o que não ocorreu com os demais vocábulos presentes no quadro 3. Vejam-se os muitos casos em que não se respeitou o polimorfismo, na edição crítica, entre e/i da escrita de Oliveira. Nos fólhos: 20, 23, 29 sinalizam-se necessarias na versão crítica e na semidiplomática, conforme a edição princeps. Enquanto o desvio do critério só ocorre na crítica, no fólho 3, em que se registra necessareas em vez de neçessarias. Exemplo parecido ocorre com o vocábulo primeira, registrado também em apenas um fólho (36)

na edição crítica. Enquanto os fólhos 56, 69, 71, 72, 76 registram-se premeira em conformidade com a edição princeps.

Premeiro é registrado, na lição crítica, nos fólhos 72, 49, correspondendo ao texto princeps, enquanto se assinala primeiro nos fólhos: 40, 42, 46, 56, 62, 71 e 72, em dissonância com o texto de 1536. Devidir é sinalizado no fólho 56. Já no fólho 45 registrou-se dividir.

Na edição semidiplomática, identificou-se apenas um desvio do critério, no fólho 46, em que aparece premeiro em vez de primeiro, conforme o texto princeps.

Os exemplos demonstram de que na edição crítica há uma grande variação na aplicação desse critério, ora se aplica, ora não se aplica. Em contrapartida, a lição semidiplomática respeita quase fielmente o polimorfismo de e/i de Fernão de Oliveira.

Considerando o quinto critério abaixo, veja a decisão dos autores sobre a:

Separação, mesmo através do hífen, de morfemas ou palavras indevidamente unidas e junção de tantas que então já tendiam para isso, como toda via, por ventura, sobre tudo, a trás, a diante, com tudo, esta nasalmente adaptada com n, (conforme Prisciano já mandava colocar antes de c, d, q, f) ou de outras como se não quando advérbio, mal tratar, a meude (Torres, Assunção, p. 71).

Em relação à aplicação do critério, Torres e Assunção em algum momento não o adotam devidamente. Observe-se o quadro 4.

Quadro 4 – Exemplos de separação e junção de vocábulos.

<i>Edição princeps</i>	<i>Edição crítica</i>	<i>Localização do fólho</i>	<i>Edição semidiplomática</i>	<i>Localização do fólho</i>
toda uia	todavia	43, 46	Todauia	43, 46
por uentura	porventura	44, 49	por ventura	44, 49
sobre tudo	sobretudo	2	sobre tudo	2
a tras	atrás	21	a tras	21
com tudo	contudo	25	com tudo	25
se não	senão	10	se não	10
mal tratar	maltratar	74	mal tratar	74
a diante	adiante	33	a diante	33
a meude	ameude	53	a meude	53
com nosco	connosco	35	com nosco	35

Constata-se, nos exemplos acima, que na edição crítica os autores procederam devidamente a separação e junção de itens lexicais. Entretanto, na edição semidiplomática, o item lexical com tudo ocorre 22 vezes separado, enquanto, todavia aparece 14 vezes junto.

A edição crítica, diferentemente, do que se esperava atende bem a esse critério em oposição à semidiplomática, que mantém a maior parte dos vocábulos separados. Não existe explicação para isso nesse critério nem nos demais. Ao contrário do que se espera, os critérios de Amadeu Torres e Carlos Assunção não são aplicados integralmente em todos os casos e em todas as lições filológicas.

Tomando-se, sob análise, o sexto critério que se refere à:

Regularização do grafema cedilhado, transcrevendo ç antes de e, i por c, já que o contrário tem-no Duarte Numes de Leão por idiotice, não obstante o parecer de João de Barros sobre o ceceamento, à ‘maneira dos ciganos’ provocado por aquele, mesmo antes destas palatais<sup>5</sup> (Torres; Assunção, 2000, P. 71),

mais uma vez a decisão não é aplicada na sua integridade. Basta a observação do quadro abaixo.

Quadro 5 – Tratamento dado pelos editores à regularização da cedilha.

<i>Edição princeps</i>	<i>Edição crítica</i>	<i>Localização do fólio</i>	<i>Edição semidiplomática</i>	<i>Localização do fólio</i>
naçem	<i>naçem</i>	4	<i>Naçem</i>	4, 10
naçe	<i>naçe</i>	45	<i>Naçe</i>	45
esqueçendo	<i>esqueçendo</i>	7	<i>esqueçendo</i>	7
pronunciam	<i>pronunçiam</i>	21	<i>pronunçiam</i>	21
pronuçar	<i>pronunçar</i>	29	<i>pronuçar</i>	12, 15, 22, 23, 29, 41, 47
alquiçe	<i>alquiçé</i>	42	<i>alquiçe</i>	42
alçaçere	<i>alçaçere</i>	36	<i>alçaçere</i>	36
alçaçer	<i>alcácer</i>	36	<i>alçaçer</i>	36

<sup>5</sup>Em relação à regularização da cedilha, Torres e Assunção têm como base o trabalho de Duarte Numes de Leão, *Ortografia e origem da língua portuguesa* (1983, p. 56), a obra de João de Barros. *Gramática da língua portuguesa* (1971, p. 147 e 381), e o trabalho de João da Silva Correia: *Reflexos filológicos dos sinais gráficos e do seu aprendizado* (1933, p.136-137).

abasteçer	<i>abastecer</i>	54	<i>abasteçer</i>	54
frâçes	<i>francês</i>	57	<i>frâçes</i>	57
pareçe	<i>Parece</i>	14	<i>parece</i>	14
eçeições	<i>eçeições</i>	38, 72	<i>eiceições</i>	38, 60, 72, 73

São muitos os exemplos de não aplicação do critério. Não obstante, o critério foi aplicado em *nacem* na versão crítica, no fôlio 10, e em *parece* no fôlio 14, nas duas edições. Caso semelhante ocorre com o vocábulo *eiceições*, registrado nos fôlios 60, 73 sem cedilha na versão crítica.

Registra-se que a edição semidiplomática mantém na maioria dos casos a cedilha antes de e e i. Mais uma vez o critério não foi obedecido completamente nas duas versões.

Analisando o sétimo critério que se encontra abaixo, observe-se a postura de Torres e Assunção:

Tendendo Fernão de Oliveira para um aportuguesamento mórfico marcado de indecisões e recuos, as grafias com sabor às origens pouco se vêem, motivo por que se achou menos razoável acatá-las do que sujeitá-las à bitola comum, desde que acompanhadas sempre, em pé-de-página, da forma original, o que culturalmente tem o seu interesse, e ressalvados os hápaxes, ou quase, *bõ*, *bõa*, *depoys*, entre outros (Torres; Assunção, 2000, p. 71-72).

Os editores poderiam esclarecer quais são as grafias com sabor às origens, para que o referido critério ficasse claro, embora se tenha interpretado como de base etimológica.

Em relação aos vocábulos com pouca recorrência nos textos, como *bõ*, *bõa* e *depoys*, verifica-se que os dois primeiros foram respeitados nas duas edições e sinalizados no aparato crítico. Enquanto o vocábulo *depoys* foi registrado como *depois*, nos fôlios 2 e 21, na edição crítica, desrespeitando o critério em questão.

O oitavo critério é redundante ao quarto, pois incide sobre a reduplicação consonântica.

Não se manteve, conseqüentemente, a reduplicação consonântica na maior parte dos casos e sempre que, em contraste, abundavam alomorfias simplificadas (Torres; Assunção, 2000, p. 71).

Que significaria “na maioria dos casos” em um critério editorial? Não deveriam ser todos os critérios objetivos, sem margens para subjetividade? O quadro 6, abaixo, busca inventariar algumas ocorrências de reduplicação consonântica.

Quadro 6 – Conservação das consoantes duplas.

<i>Edição princeps</i>	<i>Edição crítica</i>	<i>Localização do fólio</i>	<i>Edição semidiplomática</i>	<i>Localização do fólio</i>
elle	ele	2, 8, 20, 21	elle	2, 8, 20, 21
immortal	immortal	2	immortal	2
pollo	pollo	2	pollo	2
nella	nella	3, 5, 15	nella	3, 5, 15
dellas	delas	3, 11, 13, 14, 15, 16, 22, 23, 29, 34	dellas	3, 11, 13, 14, 15, 16, 22, 29, 34
ella	ella	3, 5, 6, 7, 8, 13, 14, 19, 26, 34	ella	3, 5, 6, 7, 8, 13, 14, 19, 26, 24
aquelles	aquelles	4, 35	aquelles	4, 35,
parellas	par'ellas	7	parellas	7
daquelles	daquelles	8	daquelles	8
ellas	ellas	12, 15, 29, 32, 34, 36	ellas	12, 15, 29, 32, 34, 36
elles	eles	12, 17, 23	elles	12, 17, 23
gramaticos	grammaticos	13	grammaticos	13
pula	pulla	25	pulla	25
capa pele	capa-pelle	40	capa pelle	40
gramatica	grammatica	8, 40	grammatica	8, 40
ele	ele	17	elle	17
pela	pella	38	pella	38
sobrele	sobr'elle	21	sobrelle	21

Os dados apresentados acima sinalizam que a consoante lateral duplicada l é, extremamente, recorrente no texto princeps. Talvez por isso os autores a tenham conservado nas suas edições, se se considerar o que chamariam de “na maioria dos casos”.

Note-se, ainda, que há vocábulos como: pula, capa pele, ele, pela, em que o l não está duplicado, mas foi duplicado indevidamente tanto na edição crítica como na semidiplomática, incluindo também a estrutura sobrele.

A consoante bilabial m foi dobrada nos vocábulos *grammaticos* e *grammatica*, mesmo não estando assim no texto original. Essa decisão não é apontada nem explicada nas duas edições. Franco e Silvestre (2012) explicam que o vocábulo m era grafado no latim com duas consoantes bilabiaais, talvez por isso Torres e Assunção o mantenham duplicado. Mas essa

correção do exemplo, no sentido de uma grafia etimologizante, contraria a regra sobre as consoantes duplas enunciadas por Oliveira no capítulo XXII. Se a regra de Oliveira defende justamente a inutilidade de algumas consoantes duplicadas, da correção dos exemplos na edição de Torres e Assunção resulta uma formulação ilógica (Franco; Silvestre, 2012, p.101).

Se se concordar com essa posição de Franco e Silvestre, Torres e Assunção teriam interferido de forma improdutora no texto e, além do mais, não estariam salvaguardados por um de seus critérios.

O nono critério é assim apresentado:

Embora Fernão de Oliveira, diferentemente de outros quinhentistas, se haja dispensado em absoluto de quaisquer acentos, eles tornavam moderadamente aconselháveis perante ambiguidades de homografia e tropeços eventuais de leitura, ou em contracções, como à, às, ò (ao), ou ainda em futuros e infinitivos arcaicos peçados de esdrújulas como dáremos, poderemos, fôremos, dixéremos, escrevéremos (Torres; Assunção, 2000, p. 72).

Em relação à acentuação dos vocábulos, os autores mais uma vez usam irregularmente esse critério. Veja-se o quadro abaixo:

Quadro 7 – Acentuação gráfica dos itens lexicais.

Edição <i>princeps</i>	Edição crítica	Localização do fólio	Edição semidiplomática	Localização do fólio
animo	animo	2	animo	2
daremos	daremos	29, 41, 62	daremos	29, 41, 62
daremos	dáremos	37	daremos	37
poderemos	podéremos	30, 57, 58	poderemos	30, 57, 58
foremos	fôremos	42	foremos	42

dixeremos	dixéremos	15, 40, 40	dixeremos	15, 40, 40
escreueremos	escrevêremos	14	escreueremos	14
escreueremos	escreveremos	25, 27, 30, 30	escreueremos	25, 27, 30, 30

Na busca de compreender o critério em questão, notou-se que os autores acentuaram, na edição crítica, os verbos que estavam na forma nominal do infinitivo e não no futuro. Concorda-se com essa decisão dos editores embora o critério não seja claro.

Constatou-se que a forma verbal daremos, no texto crítico e semidiplomático, está no futuro do presente nos fólios 29, 41, 62, portanto, não foi acentuada. Já no fólio 37, na edição crítica, a referida forma recebeu acento, corretamente, porque se encontra no infinitivo flexionado. A mesma situação ocorre com a forma verbal podéremos, nos fólios 30, 57, 58, que também recebeu acento por estar no infinitivo flexionado. Caso semelhante ocorre com a forma dixéremos, nos fólios 15, 40.

Adverte-se que as formas verbais escrevêremos e fôremos, localizadas nos fólios 14 e 42, foram sinalizadas, no texto crítico, com acento circunflexo, não obstante os editores tenham afirmado que usariam o sinal agudo, embora se possa deprender que provavelmente tenham sinalizado o timbre da vogal.

Existe, também, uma incongruência na aplicação do critério com o vocábulo animo, no fólio 2, que causa ambiguidade de homografia, mas não foi acentuado em nenhuma das edições.

Em relação ao contexto geral dos textos, pode-se constatar que a maior parte das palavras está acentuada na edição crítica, o que não acontece na lição semidiplomática.

No que concerne à inserção do apóstrofo, isso estava previsto no décimo critério que se encontra abaixo reproduzido:

As passagens da fonética sintáctica assinalaram-se ora como apóstrofo quando explícitas, no género de co'a, antr'os – mas não quando ainda a meio caminho, por exemplo, co as orelhas – ora com desdobramento em itálico, como ajudão acrecentar [lido 'ajudam àcrecentar'], isto é, ajudam a acrecentar (Torres; Assunção, 2000, p. 72).

Em dissonância ao referido critério, não se regularizou o apóstrofo em muitos casos, mesmo em *passagens da fonética sintáctica*. Verifique-se o quadro 8.

Quadro 8 – Tratamento dado ao apóstrofo nas edições.

<i>Edição princeps</i>	<i>Edição crítica</i>	<i>Localização do fólio</i>	<i>Edição semidiplomática</i>	<i>Localização do fólio</i>
co as orelhas	com as orelhas	27	co as orelhas	27
aquelloutros	aquelloutros	68	aquelloutros	68
nestoutra	nestoutra	13	nestoutra	13
nestoutras	nestoutras	19	nestoutras	19
destoutra	destoutra	21	destoutra	21
dessoutros	dessoutros	68	dessoutros	68
estoutras	estoutras	24	estoutras	24
estoutros	nestroutos	47	nestoutros	47
estroutro	estoutro	51	estoutro	51
estoutros	estoutros	67	estoutros	67
essoutras	essoutras	45, 52, 71	essoutras	45, 52, 71
daqueloutros	daqueloutros	63	daqueloutros	63

Os exemplos acima denunciam a desobediência ao critério em questão, tanto no texto crítico como no semidiplomático. Isso comprova, mais uma vez, a falta de rigor dos autores na aplicação das decisões editoriais.

Considerando o décimo primeiro critério que segue abaixo, observe-se a decisão de Torres e Assunção:

No que concerne à pontuação, sabido que no texto aparecem frequentemente o ponto (pontuação forte) e os dois pontos (pontuação média) sem critério constante – dado a barra transversal equivaler à vírgula, ao ponto isolando um elemento, uma palavra ou sequência vocabular, ou ao ponto e vírgula (pontuação fraca), e o de interrogação não oferecer problema – procurou-se, em face de um certos caos distribucional, uma remodelação frásica comedida (Torres; Assunção, p. 72).

Em relação a esse critério, a subjetividade mais uma vez interfere na decisão editorial. Obviamente, em função disso não se pode fazer qualquer tipo de avaliação. Não obstante, a filologia contemporânea tem indicado que:

Quanto à pontuação original, a actualização no uso de pontos, vírgulas e outros sinais pode igualmente alterar modos de pensamento e de expressão, modificando, com escasso proveito, toda uma sintaxe que o historiador das mentalidades venha a considerar chave para a compreensão da época (DIAS, 1987, p. ix, apud Machado Filho, 2004).

O décimo segundo critério traz a questão da reprodução da nota tironiana copulativa, ou seja, e aditivo.

Quanto à nota tironiana representativa da conjunção copulativa monografémica, de que, segundo Maria Helena Paiva, há 1315 ocorrências além de 81 delas em letra maiúscula e duas em minúscula, interprete-se como amostragem, aqui irrelevante, de uma regularidade que a ortografia do texto não abona (Torres; Assunção, 2000, p. 73).

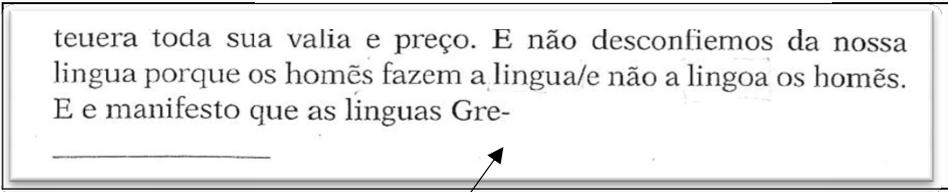
Nesse quesito os autores lograram êxito já que a referida nota tironiana não é representada em nenhum dos textos.

Quanto ao décimo terceiro critério:

Sendo frequente a omissão de traço de translineação na imprensa quinhentista, e em grau maior na Gramática oliveiriana, acrescentámo-lo na edição crítica, sempre que era necessário, mas não na semidiplomática em fim de capítulo, o que bastará para avaliação da irregularidade no seu emprego (Torres; Assunção, 2000, p. 73),

conforme se pode ver na figura 3, abaixo, o traço de translineação foi representado na edição semidiplomática, configurando-se mais uma vez com irregularidade de aplicação.

Figura 3 – Exemplos de translineação.

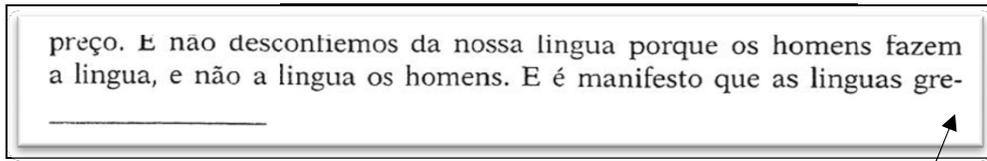


teuera toda sua valia e preço. E não desconfiemos da nossa lingua porque os homês fazem a lingua/e não a lingoa os homês. E e manifesto que as linguas Gre-

Fonte: TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 168.

Na figura 4, abaixo, verifica-se que o referido traço foi representado na edição crítica como prevê o critério.

Figura 4 – Exemplos de translineação.



Fonte: TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 86.

O décimo quarto critério foi devidamente adotado:

Atendendo a que poucos capítulos (19, 28, 30, 40) se apresentavam intitulados, generalizou-se o processo a todos, entre parêntese quadrado e em linguagem condizente, o que facilita um primeiro contacto com a matéria (Torres; Assunção, 2000, p. 73).

Veja-se o décimo quinto critério, que segue abaixo:

O cuidado tido com a paragrafação original não obstou à abertura de novos parágrafos introduzidos nas manchas compactas de uma, duas ou três páginas, no intuito de tornar mais atractiva e leve a textura figuracional sem prejuízo de conteúdo (Torres; Assunção, 2000, p. 73).

Na abertura de parágrafos, Torres e Assunção não consideraram, na maioria dos casos, o caldeirão medieval presente na edição princeps, que “se apresenta na forma do parágrafo, mas que originalmente se assemelha a uma letra “C”, cortada por um traço vertical” (Machado Filho, 2004, p. 79).

Essa interferência dos autores prejudica à leitura e à organização do texto editado.

Considerando o décimo sexto critério, que se encontra abaixo,

Manteve-se nos três textos – crítico, semidiplomático e anastático – correspondência rigorosa de paginação especial, a fim de tornar rápida a colação respectiva e não obstante a numeração geral da obra.

A fim de que não surtam juízos negativos de pormenores deixados nas alíneas acima em páginas anteriores acerca do nosso primeiro gramático a quem Eugenio Coseriu não poupa elogios cientificamente fundamentados (vd. sua ‘Apreciação global’), recorde-se que estávamos então numa época de sincretismos ortográficos, à margem de qualquer normatividade, precisamente em tentativas de desbravar caminhos próprios por entre compêndios latinos e humanistas relatinizantes.

Dessa feita, aceitar-se ão com naturalidade tantas indecisões, misturas e variantes da escrita oliveiriana: *lingoa* e *lingoagem*, formas raras, e *linguagem* e *lingua* prevalectes; *sentimos*, *consintem*, *sintirá*; *dixe*, *dixemos* e *dissemos*, *disse*; *mui*, *muito*, *mais*, *pois*, e *muy*, *poys*, *mays muyto*; *premeiro*, com presença sobretudo de meio para o final do livro, e *primeiro*,

desde o início; necessario, frequente, e necessareo, raro; devino e divindade; syllabas, mas às vezes sillabas ou silabas; abundância da forma ha sem variante, em face de avemos, aviam, aver, sem embargo de havidas, haviamos, havemos; Suetonio Tranquillo, geralmente reduplicado quanto à consoante lateral, e Quintiliano, jamais; para e pera; derivadas e vezinhas; destinto e distinto; he e é (verbo ser); memorea e memoria, deferente e diferente demenuir e diminuir; menenice e feminino.

A respeito deste último vocábulo e dos alomorfos de tantos que chegam a registra-se, não só no mesmo texto, mas até na mesma linha ou linhas contíguas, são de destacar os caps. 40 (p. [56] e 44 (p.[ 65]. Naquele, Fernão de Oliveira teve um ataque fonético expansivo, de abertura, com seis ocorrências de premeiro, uma de necessareo, outra de devidir; neste, manifesta-se linguisticamente constipado e opta, peferentemente, pelo fechamento: para três ocorrências de femenino escreveu o dobro de feminino. ao contrário do cap. anterior (p. [62]), no qual femenino se lê cinco vezes e premeiro uma.

A propósito do verbo ser, o predomínio pertence à forma é, amiúde acompanhada da he. Optamos claramente pela simplificada; mas nota-se, nalguns textos, um aglomeramento desta, noutros daquela. Não se deixou, todavia, de registrar, no aparato crítico tudo o que pode contribuir para uma apreensão objectiva e global desta tão preciosa Gramática.

Talvez provoque estranheza a última linha de texto de muitas páginas das edições crítica e semidiplomática quando aquela e queda incompleta no início, a meio, a três quartos ou mais, para depois continuar na página seguinte. Mas, realmente, não se deparou cpm melhor solução em face do objectivo primordial de manter rigorosa correspondência sucessiva, com numeração especial em chavetas, entre os três textos originais: original, semidiplomático e crítico. O recurso a maior espciejamento seria um fraco remédio, pois iria traduzir-se em manchas tipográficas sem uniformidade. De resto, procedimento similar se verifica em linhas que finalizam com pontuação de parágrafo, a distâncias bem diversificadas da vertical mancha.

Gostaríamos que na edição crítica o tipo de letra adoptado não divergisse do da semidiplomática, ou se assemelhase até ao da 'Introdução'. Contudo, o objectivo, atrás aludido, de não prejudicar a simultaneidade tópica entre os textos, a fim de, por este modo, tornar rápida a consulta e o confronto, inviabilizou a realização de tal desiderato.

Quanto à nossa preferência pela edição semidiplomática, há uma explicação a dar. É que, contendo o volume a lição anastática para gáudio do leitor e investigador, assim colocados sem dificuldade perante o texto não só au[t]êntico mas outrossim genuíno, e havendo este saído dos prelos de

Germão Galharde com defeitos de impressão que se repetiram, em parte, nas edições de 1871, 1936, e 1954 ou nelas se intrometeram, achámos ser obrigação imediata optar por ela, visto que a simplesmente diplomática redundaria, neste caso, em sonegação informativa e, dada a facilidade de leitura da mancha gótica de transição, numa espécie de pleonasma.

Note-se, ainda, que em nenhuma das pp. da edição princeps existe reclamo. No que concerne à numeração das mesmas, tão-somente alfabética, ela vai de Alr até E6v, contando-se cada letra até 8r/v, mas apenas estando indicada cada uma até 4r e começando expressamente em A3r.

Além do índice onomástico geral, o analítico, restrito ao texto crítico da Gramática, facultará a localização rápida dos conceitos de interesse. E como esta edição coincide, página a página e sem nenhuma ou com pequena diferença de linhas em relação à semidiplomática e à anastática, é fácil a consulta global (Torres; Assunção, p. 73, 74, 75, 76),

vê-se que esse critério, deveras longo, retoma parcialmente os outros critérios, causando a sensação de subjetividade, antes referida.

Esse é o último critério, dos dezesseis apresentados nesse trabalho, é também o mais extenso, portanto, os resultados apresentados estão divididos conforme as decisões dos editores: Paginação das edições, conservação das variantes raras, aparato crítico, edição semidiplomática.

Em relação à paginação, verifica-se que a numeração dos fólios é igual nas duas edições, crítica e semidiplomática. Portanto, nesse ponto, aplicou-se devidamente o critério.

No que concerne às variantes de Oliveira, os autores em algum momento não mantiveram o critério. Basta se verificar o quadro abaixo.

Quadro 9 – Representação das variantes oliveiranas.

<i>Edição princeps</i>	<i>Edição crítica</i>	<i>Localização do fólio</i>	<i>Edição semidiplomática</i>	<i>Localização do fólio</i>
lingoagem	<i>linguagem</i>	4, 5	<i>lingoagem</i>	4, 5
lingoa	<i>lingua</i>	12, 18	<i>lingoa</i>	5, 7, 11, 18, 20, 44
līgua	<i>lingua</i>	24, 26	<i>līgua</i>	12, 27, 35, 41, 54, 62
lingoas	<i>linguas</i>	29	<i>lingoas</i>	29

Embora tenham sido consideradas formas raras, os vocábulos destacados em negrito não foram respeitados no texto crítico. Isso compromete bastante à transcrição de uma obra tão importante na história do português, como é o caso da Grammatica da lingoagem portuguesa. Na lição semidiplomática, as mesmas formas são devidamente acatadas, o que a torna muito mais fiel ao critério em questão do que a crítica.

Os exemplos apresentados, no quadro 9, também mostram a desobediência ao quarto critério, que assegura a conservação do polimorfismo entre o/u. Constatou-se a não aplicação do quarto critério nos itens lexicais: Lingoagem > linguagem, lingoa > lingua, lĩgua > lingua.

No que concerne ao aparato crítico, Torres e Assunção assegura que todas as interferências no texto editado serão sinalizadas. No entanto, nem sempre isso acontece, já que se verificou que muitas intervenções não foram registradas no aparato. Observem-se os dados abaixo.

Quadro 10 – Quadro representativo das intervenções nos textos editados.

<i>Edição princeps</i>	<i>Edição crítica</i>	<i>Localização do fólio</i>	<i>Edição semidiplomática</i>	<i>Localização do fólio</i>
e	he	3, 17	E	3, 17
fetas	feitas	40	feitas	40
home	homem	4	homem	4
võtade	vontade	3	võtade	3
hetruria	etrúria	9	hetruria	9
esse	este	19	este	19
escriptura	escritura	19	escritura	19

Os fólios 3, 17 sinalizam que a edição crítica registrou he, enquanto na verdade seria e, conforme a edição princeps. Ademais, o h em “he” não é etimológico. Os outros vocábulos representam correções feitas pelos editores, que não as registraram no aparato crítico, embora o critério assegure que tudo seria sinalizado. Torres e Assunção intervieram de forma competente no texto, entretanto, poderiam ter sinalizado isso ao leitor.

No que concerne à leitura semidiplomática, os autores assumiram a preferência por essa versão, entretanto, identificou-se que há problemas de leitura na referida edição.

Quadro 11 – Quadro representativo dos problemas editorais.

<i>Edição princeps</i>	<i>Edição semidiplomática</i>	<i>Localização do fôlio</i>
esta <i>primeira</i> anotação	esta <i>primeiras</i> anotação	3
nam somente nestas mas <i>ẽ</i> muitas outras cousas tem anossa lingoa avantajẽ	nam somente nestas/mas q <sup>Ⓢ</sup> muitas outras cousas tem anossa lingoa auantagẽ	5
e com ditongo como .o. ou. do dou: <i>dous</i>	e com ditongo como .o. ou. do dou, <i>dos</i>	34
Esta forma das dições a q <sup>Ⓢ</sup> chamamos <i>açẽto</i>	Esta forma das dições a q <sup>Ⓢ</sup> chamamos <i>açẽ</i>	34
<i>porẽ</i> nã e tã espiritual a lingua	<i>porq</i> <sup>Ⓢ</sup> nã e tã espiritual a lingua	4
fazemos.u.liquido <i>alghũas</i> vezes	fazemos .u. liquido <i>algũs</i> vezes	20
mas d'todo <i>deffeyto</i>	mas d'todo <i>desfeyto</i>	20

De acordo com os dados acima, observe-se que há um problema de concordância no texto semidiplomático: esta primeira > estas primeira. Depois, identifica-se um problema de leitura em que o vocábulo dos foi lido como dous. Há também lapsos de grafia no vocábulo açêto que aparece registrado parcialmente como açẽ. Note-se, ainda, que há outros erros de leitura, identificados no item lexical porẽ, que é interpretado como porq<sup>Ⓢ</sup>, e no vocábulo deffeyto, lido como desfeyto. Depois, verifica-se uma alteração de gênero em que alghũas > algũs.

### 3 Outros problemas

Constata-se que embora a lição semidiplomática seja a preferida dos seus autores, existem problemas que precisam ser corrigidos o quanto antes, porque não se

podem permitir lapsos dessa natureza em uma obra tão importante para a história linguística do português.

No que concerne à edição crítica, identificaram-se que algumas correções foram procedidas nos textos crítico e semidiplomático. Os vocábulos *os*, *o*, vindos foram devidamente corrigidos nas duas edições, no entanto, não foram registrados no aparato crítico. Outras correções foram procedidas na versão crítica como *seu* por *sen*, para em vez de *pera*, *proprio* por *propria*, *por* em vez de *per*, *só* em vez de *soo*, *antes* por *ates*, *mas*, não foram assinaladas no aparato crítico.

Não obstante, identificaram-se problemas de leitura na edição crítica, por exemplo, a forma *escrevem* foi registrada como *escrevam*, apesar de não haver critério de regularização do indicativo do subjuntivo. Verificou-se, na referida edição, que o vocábulo *escolhe* foi lido como *recolhe*.

Acredita-se que os problemas de leitura prejudicam, de forma assaz, o texto *princeps*, por isso precisam ser corrigidos. Em 2012, Franco e Silvestre, em sua edição atualizada, competentemente realizaram a correção do vocábulo *recolhe* por *escolhe*, e não deixaram de apontar o lapso de leitura na edição de Torres e Assunção.

Para além dos problemas encontrados nos critérios, identificaram-se também outros lapsos editoriais como inserção e supressão de vocábulos e saltos bordões.

Mostram-se, no quadro 12, as inserções de vocábulos nas duas edições crítica e semidiplomática.

Quadro 12 – Aditamento de vocábulos nas edições.

<i>Edição princeps</i>	<i>Edição crítica</i>	<i>Edição semidiplomática</i>	<i>Localização do fólio</i>
eu não dou conta -- mais <i>q</i> <sup>Q</sup> escamête <i>da</i> minha lingua.	eu não dou conta <i>de</i> mais que escassamente <i>de</i> minha língua	eu não dou conta mais <i>q</i> <sup>Q</sup> escamête <i>da</i> minha lingua	35
não estran <sup>Q</sup> emos porq <sup>Q</sup> també o falar tem -- seu mouimêto.	não estranhemos porque o falar tem <i>o</i> seu movimento	não estran <sup>Q</sup> emos porq <sup>Q</sup> també o falar tem -- seu mouimêto	68
esta que. em toda parte se d'ue guardar.	esta que em toda <i>a</i> parte se deve guardar	esta que. em toda - -- parte se d'ue guardar	57

Note-se que os vocábulos de, o, a foram acrescentados no texto crítico, enquanto no semidiplomático só o item o foi adicionado. Verifique-se ainda que houve a troca do elemento de por da na versão crítica. Todas as intervenções não foram registradas no aparato crítico. Franco e Silvestre (2012) mantiveram os aditamentos desses vocábulos em sua edição atualizada.

Quanto às supressões de vocábulos, observe-se o quadro abaixo.

Quadro 13 – Supressão de vocábulos.

<i>Edição princeps</i>	<i>Edição crítica</i>	<i>Edição semidiplomática</i>	<i>Localização do fôlio</i>
Examinenos a melodia da nossa lingua e essa guardemos como fezerão <i>outras</i> gêtes	Examinemos a melodia da nossa lingua e essa guardemos, como fezerão ---- gentes.	Examinemos a melodia da nossa lingua e essa guardemos como fezerão <i>outras</i> gentes	11
as consoantes q <sup>o</sup> se mudão <i>hũa</i> em outra são til.	as consoantes que se mudam --- em outra são til.	as consoantes q <sup>o</sup> se mudão <i>hũa</i> em outra são til.	30
e o velho, como tê o entender mais firme cõ o q <sup>o</sup> mais sabe, e também suas falas são de peso.	e o velho, como tem o entender mais firme com o que mais sabe, -- também suas falas são de peso.	e o velho como tê o entender mais firme cõ o q <sup>o</sup> mais sabe -- também suas falas são de peso.	52
e Quintiliano no primeiro livro da <i>a</i> rezão.	e Quintiliano no primeiro livro dá --- rezão.	e Quintiliano no primeiro liuro da <i>a</i> rezão	59
como logo diremos ensinãdo quãtas são as conjugações e amoestãdo q <sup>o</sup> hahi <i>dellas</i> eiceições.	como logo diremos ensinando quantas são as conjugações e amoestando que há hi --- eiceições.	como logo diremos ensinãdo quãtas são as conjugações e amoestãdo q <sup>o</sup> hahi <i>dellas</i> eiceições.	72

Os dados apresentados acima, revelam que a edição crítica apresentou mais problemas quanto às supressões, já que os itens *outras*, *hũa*, *e*, *a*, *dellas* não foram registrados. A versão semidiplomática apresentou apenas a supressão do item *e, o* que a torna mais confiável do que a crítica. Esses lapsos de edição são bastante graves porque

interferem diretamente no texto de Fernão de Oliveira, adulterando uma obra tão relevante para os estudos linguísticos.

Competentemente, Franco e Silvestre (2012) corrigiram as supressões acima, e as indicaram como problemas apresentados na edição de Torres e Assunção (2000).

No que concerne aos saltos bordões, encontraram-se as seguintes ocorrências nos excertos que se encontram abaixo:

Quadro 14 – Quadro representativo dos saltos bordões

<u>Edição <i>princeps</i></u>	<u>Edição crítica</u>	<u>Edição semidiplomática</u>	<u>Localização do fólio</u>
<p>ẽ cõtrafazer se ajũtão cõtra e mais fazer; e ẽ refazer se ajũtão .re. e mais fazer: <i>e</i> <i>em desfazer des. e</i> <i>mais fazer. e posto</i> q<sup>Ⓛ</sup></p>	<p>Em contrafazer se ajuntam contra e mais fazer; e em refazer se ajuntam re e mais fazer. ----- ----- E posto que</p>	<p>ẽ cõtrafazer se ajũtão cõtra e mais fazer. E ẽ refazer se ajũtão .re. e mais fazer:<i>e em</i> <i>desfazer des. e mais</i> <i>fazer. e posto q<sup>Ⓛ</sup></i></p>	46
<p>mas em iz, delles são masculinos <i>e delles</i> <i>femininos</i> como juiz, almofariz, e delles femininos, como boyz, rayz, perdyz.</p>	<p>mas em <b>iz</b>, delles são masculinos ----- ----, como <i>juiz, almofariz</i>, e delles femininos, como <i>boiz, raiz</i>, <i>perdiz</i>.</p>	<p>mas em .iz. d'lles são masculinos <b>e delles</b> <i>femininos</i> como juiz almofariz e delles femininos: como boyz rayz. perdiz.</p>	65

Os dados apontam que a edição semidiplomática, de forma elogiável, não apresenta nenhum saldo bordão, enquanto a edição crítica apresenta dois, comprometendo mais uma vez a integridade do texto original. Ressalta-se ainda que o salto bordão e delles femininos foi registrado no aparato do texto crítico. Franco e Silvestre (2012) corrigiram o salto bordão e em desfazer des e mais fazer, mas dessa vez não denunciaram o problema na edição crítica de Torres e Assunção.

#### 4 Considerações finais

Não obstante a importância do trabalho de Torres e Assunção para a manutenção da história linguística do português, os dados encontrados comprovam que os critérios editoriais não são respeitados totalmente por esses autores. Existe uma grande oscilação

na aplicação dos critérios nas duas edições, crítica e semidiplomática. Entretanto, os resultados revelaram que a versão crítica apresenta uma dimensão maior de problemas como inserção e supressão de vocábulos, saltos bordões, além da não adoção de grande parte dos seus critérios. Com certeza, a leitura semidiplomática é a mais confiável para os estudos linguísticos, mas tem também problemas que precisam ser corrigidos.

Disponibilizam-se os resultados encontrados nos dois cotejos, com o intuito de chamar a atenção de que todo trabalho editorial pode apresentar problemas. O rigor filológico, na realização da leitura e na aplicação dos critérios, seria um importante aliado a ser adotado para se evitarem lapsos no momento da transcrição. Por fim, sugere-se neste trabalho que uma nova edição seja elaborada tendo em vista à correção dos problemas encontrados nas edições de Torres e Assunção. Fica aqui uma homenagem ao trabalho de Fernão de Oliveira, grande precursor dos estudos linguísticos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bastos, Neusa Barbosa; CASAGRANDE, Nancy; HACKEROTT, Maria Mercedes Saraiva. As referências citadas na gramática de Fernão de Oliveira como instrumento de reconstrução do contexto histórico da época. In: ABAURRE, Maria Bernadete *et al.* *Fernão de Oliveira: Um gramático na história*. Campinas: Pontes Editores, 2009, p.349.

Buescu, Maria Leonor Carvalhão. *A Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira. Leitura actualizada e notas. Lisboa. INCM. 1975.

\_\_\_\_\_. *Historiografia da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1984.

Dias, João J. et alii. *Álbum de paleografia*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987, p. ix. Apud Machado Filho, Américo Venâncio Lopes. *A pontuação em manuscritos medievais portugueses*. Salvador: Edufba, 2004.

Duarte, Sónia. *Fernão de Oliveira: Gramática da Linguagem Portuguesa*, Fac-simile. Porto: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, v. 8, p. 249-253, 2013.

Franco, Jose Eduardo; Silvestre, João Paulo. *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Fac-simile, introdução e edição atualizada e anotada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2012, p. 101.

Gayo, Felgueiras. *Nobiliário de famílias de Portugal*. Braga. Disponível em: [http://purl.pt/12151/3/hg-40102-v/hg-40102-v\\_item3/index.html#/246](http://purl.pt/12151/3/hg-40102-v/hg-40102-v_item3/index.html#/246) . Acesso em 07. set. 2015.

Machado Filho, Américo Venâncio Lopes. *A pontuação em manuscritos medievais portugueses*. Salvador: EDUFBA, 2004, p. 79.

Maruyama, Toru. *Keywor-in contexto inde of the Grammatica da Lingoagem Portuguesa 1536*. By Fernão de Oliveira. Nagoya: Nanzan University, 2001.

Mattos E Silva, Rosa Virgínia. *O Português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

Oliveira, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1536.

Paiva, M. H. *Os gramáticos portugueses quinhentistas e a fixação do padrão linguístico: contribuição da Informática para o estudo das relações entre funcionamento, variação e mudança*. Porto. Tese de doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

Torres, Amadeu; Assunção, Carlos. *Gramática da Linguagem portuguesa (1536)* Fernão de Oliveira: Edição Crítica, Semidiplomática e Anastática. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000, p. 70-76.

